

Políticas em prol da *Vergonha Gay*: uma contribuição queer para uma outra gramática dos conflitos e normas sociais

Fernando de Figueiredo Balieiro¹

Resenha do livro:

HALPERIN, David M.; TRAUB, Valerie. *Gay Shame*. Chicago, The University of Chicago Press, 2009.

Em 28 de junho de 1969, corajosos manifestantes tomaram a *Christopher Street*, rua nova-iorquina que abrigava o bar gay *Stonewall Inn*, confrontando-se por dias seguidos com policiais em uma de suas habituais incursões violentas a espaços de sociabilidade gay nos Estados Unidos da América. Dentro de um período marcado pela efervescência de novos movimentos sociais, como o movimento pelos direitos civis, o feminismo e a contracultura, os conflitos de Stonewall se tornam um marco simbólico fundante na luta pelos direitos gays. Aproximadamente um século depois da invenção psiquiátrica do homossexual e da caracterização negativa que persiste em relação aos homossexuais, adotou-se como estratégia política positivar a experiência gay, a partir da reivindicação do orgulho gay. Os confrontos de Stonewall deram origem às Paradas do Orgulho Gay, atualmente renomeadas de Paradas do Orgulho LGBTQB, que se espalharam pelo mundo, desdobrando-se em luta por reconhecimento e autorrealização de particularidades no que tange às identidades sexuais e de gênero diversas.

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – Bolsista de Doutorado do CNPq – fernandofbalieiro@gmail.com

É problematizando tal abordagem que surge *Gay Shame*, coletânea organizada por David Halperin e Valerie Traub², questionando as bases de uma compreensão linear e progressista do reconhecimento gay. Não desmerecendo os ganhos simbólicos expressivos que garantiram vidas mais habitáveis aos gays e às lésbicas nas últimas décadas, as reflexões de *Gay Shame* levantam questões teóricas e políticas a respeito da luta pelo reconhecimento amparado no modelo do orgulho gay. Em que medida se pode afirmar que o orgulho gay provocou uma reconfiguração decisiva das normas sociais? Ou, pelo contrário, será que não implicou em aderir a certas experiências e práticas normativas para garantir sua ampla aceitação na sociedade? Estas experiências e práticas não estariam baseadas em um modelo burguês, eurocêntrico, heterossexual e monogâmico? Não implicou em exclusões relativas a classe, raça, padrões corporais, condutas de gênero e sexualidade tidas como não dignas de orgulho? Em síntese, tal estratégia não acabou recaindo em uma forma de assimilação a uma ordem heteronormativa e criando outros mecanismos de normalização, hierarquização e exclusão?

Gay Shame parte de reflexões teóricas articuladas dentro do marco teórico da Teoria *Queer*, resgatando como foco de discussão aquilo que Eve K. Sedgwick, uma das teóricas inaugurais desta vertente, ressaltou como aspecto fundamental das experiências *queer*: a vergonha. Ao invés de interpretar a vergonha como emoção, provinda do não reconhecimento, a ser extirpada na luta pela reconheciment, ela é abordada de forma peculiar por cada autor como uma fonte de energia transformacional inexaustiva com desdobramentos criativos nas lutas políticas, capaz de criar uma nova ética política questionadora das normas sociais e potencialmente igualitária.

Podemos situar a emergência da Teoria *Queer* no movimento de inovações teóricas denominado de “virada linguística” (Scott, 1998), buscando historicizar as identidades (em especial, hetero e homossexualidade) ao invés de presumi-las ou torná-las autoevidentes. O principal axioma *queer* é o postulado de que a sociedade contemporânea é regida pela heteronormatividade: um complexo mecanismo de regulação que visa “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (Miskolci, 2009, p. 156-157). A adoção do termo insultivo *queer*, termo que denota anormalidade e perversão, para a nomeação de Teoria *Queer*, deu-se em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, por Teresa di Lauretis (Miskolci, 2009). Trata-se de um alinhamento a

2 David Halperin é professor de História e Teoria da Sexualidade da Universidade de Michigan e Valerie Traub é professora de Inglês e estudos de mulheres na mesma universidade.

setores mais radicais do movimento social anti-homofóbico, em especial algumas organizações surgidas em um momento avassalador da epidemia de Aids, caracterizadas pelo caráter confrontador, como o ACT-UP e o *Queer Nation* com práticas de ação direta que contrastavam com estratégias de assimilação de movimentos pelos direitos gays.

Objetivando recuperar as bases políticas radicais da teoria *queer*, organizou-se em março de 2003, na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, uma conferência internacional chamada *Gay Shame* que deu origem posteriormente à coletânea. A coletânea é marcada por expor diferentes abordagens em torno da vergonha gay, deixando impressas as dissensões que permearam o evento e abrindo para reflexões que expandiram as intenções iniciais dos organizadores. O livro se divide em seis partes: *Gay Shame*, *Performing Shame*, *Spectacles of Shame*, *Disabled Shame*, *Histories of Shame* e *Communities of Shame*, dentro das quais estão vários capítulos de acadêmicos das mais diversas áreas, além de um DVD anexo com vídeos articulados à coletânea e imagens do evento.

Em *Gay Shame*, a primeira parte do livro, Halperin e Traub levantam reflexões críticas sobre o “Gay Pride”, originárias do movimento social e da academia. A crítica ao Gay Pride estampada no slogan “It’s a movement, not a market” é recorrente no ativismo pela estratégia de aceitação via mercado pelo *mainstream* do movimento de gays e lésbicas. O caráter burguês, branco e masculino, é salientado como uma poderosa estruturação hierárquica que tomou o movimento historicamente, descompromissando-o de seus vínculos com a questão da igualdade em suas variadas dimensões. O culto ao corpo, em especial com a exposição do corpo masculino, baseado em padrões que se aproximam de uma masculinidade hegemônica, constitui uma nova forma de estigmatização baseada em padrões corporais. Distante de seus momentos mais radicais, o movimento acabou por tomar uma forma higienista, revelada pelo afastamento da menção a Aids nas mobilizações.

Halperin e Traub exploram como se formou, em reação a essa configuração política, uma nova expressão de mobilização tributária dos ativismos *queer*, o *Gay Shame*: nome que se deu às manifestações que ocorrem simultaneamente ao *Gay Pride* em algumas grandes cidades dos Estados Unidos desde meados dos anos 2000, como Nova York e San Francisco. Na contramão de um movimento que busca reconhecimento via adoção de valores hegemônicos, o *Gay Shame* se consolidou enquanto uma expressão crítica à normalização e aburguesamento. Sodomasoquistas, trabalhadores do sexo, lésbicas masculinizadas, negros, imigrantes, bissexuais, deficientes, e todos aqueles que causam a vergonha que a conduta exemplarmente normativa do *mainstream* do

Gay Pride busca expurgar de sua imagem, passaram a encontrar seu lugar no Gay Shame.

Em concomitância, os autores salientam críticas relativas à acomodação e perda do potencial transformativo dentro academia nos estudos gays e lésbicos e teoria *queer*. Em seus primeiros momentos são marcados por esforços teóricos e políticos na produção de pesquisas inovadoras e questionadoras de abordagens canônicas em diversas disciplinas, garantindo novas abordagens das relações sociais a partir da centralidade das relações de gênero e sexualidade. Com o tempo, tais estudos se acomodaram e entraram no mesmo jogo de poder e reprodução do *star system* vigorante na academia. A teoria *queer* foi progressivamente incorporada a saberes disciplinares, fornecendo subsídios para se pensar a complexidade das identidades e identificações, mas distanciada de suas implicações políticas. O *queer* se torna um termo inofensivo.

Os autores descrevem a iniciativa da conferência *Gay Shame* estabelecendo seus objetivos no que concerne à recuperação da potencialidade política transformadora na teoria *queer*. Visando revigorar o sentido político do termo *queer*, estrutura-se um evento em moldes distintos dos cânones acadêmicos, realizado de forma gratuita e pública, amplamente divulgado fora da academia, fundindo “performances acadêmicas e não acadêmicas”. Acadêmicos reconhecidos foram convidados para discussões abertas enquanto apenas estudantes e recém-formados apresentavam *papers*. Shows de *drag queens*, performances artísticas e produções de vídeo eram atividades tão importantes quanto as reflexões. Os participantes eram convidados a refletir e performar dentro de um quadro de discussão a respeito do potencial político transformador da vergonha.

Performing Shame apresenta densas discussões teóricas a respeito da vergonha e sua imbricação com as experiências e políticas *queer*. No texto de Eve Kosofsky Sedgwick, *Shame, Theatrically, and Queer Performativity: Henry James's The Art of the Novel*³, embasado na psicologia de Silvan Tomkins e Franz Basch, a vergonha é definida como experiência constitutiva da interação nos primeiros meses da vida, momento de separação entre o eu e o outro em que o circuito de expressões de espelhamento entre a face da criança e de sua cuidadora é quebrado, desencadeando a individuação da criança. A vergonha produz sensação de isolamento, expressos nos olhos baixos e cabeça prostrada, mas gera também um desejo de reconstituição da ponte interpessoal. É uma forma de comunicação marcada pela relacionalidade.

3 Publicado originalmente como artigo em 1993 no GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies, reproduzido com modificações em seu livro de 2003, *Touching Feeling*.

Segundo Sedgwick, as primeiras experiências de vergonha permanecem enquanto componente integral ou residual da identidade. A teórica aborda como a vergonha é especialmente presente na constituição identitária daqueles que não se enquadram às demandas de uma sociedade heteronormativa. O que pode parecer uma abordagem vitimizante, toma caráter transformador, quando exploradas as dimensões performativas da vergonha. Em sua dimensão relacional, a vergonha é a emoção limite entre a introversão, que advém do isolamento, e a extroversão enquanto movimento de resposta a ela. A performatividade *queer* se caracterizaria não por excluir ou reprimir a vergonha, mas por colocá-la em movimento. Sedgwick aborda os prefácios da republicação da obra condensada de Henry James no início do século XX, na qual o autor-narrador desempenharia um protótipo de uma performatividade *queer* a partir da invocação estratégica e erotizada de sua infância e juventude comprometedoras ou *queer*, colocando em circulação a vergonha.

A escolha do artigo publicado no início da década de 1990 para abrir a coletânea se justifica pelo enfoque original que a autora dá à dinâmica entre vergonha e política, considerando a vergonha um aspecto fundamental na compreensão das políticas *queer*, com potencial poderosamente transformador. Uma característica definidora e desestabilizadora da vergonha é seu transbordamento, ou seja, a inclinação de alguém a se sentir invadido pela vergonha de outrem, acionando em si sensações de isolamento e exposição. A vergonha é, portanto, contagiosa. Ela é um “radical livre”, nas palavras da autora, utilizando-se da metáfora física molecular para denotar seu caráter instável que se vincula e altera aquilo com que está em contato.

Douglas Crimp, em *Mario Montez, for Shame*, recupera a discussão de Sedgwick sobre o uso performativo da vergonha para a discussão do *Screen Test#2* de Andy Warhol no qual atua o ator porto-riquenho Mario Montez. A intenção de Crimp é voltar-se ao cenário *queer* nova-iorquino dos anos 60 e, portanto, prévio às narrativas que demarcam as manifestações de Stonewall como o ponto de partida das políticas gays. Distante do modelo das lutas de reconhecimento que ocupam as ruas, Crimp se interessa pelo ambiente cultural *underground* efervescente da *Factory* de Warhol. Em relação ao *Screen Test#2*, o autor salienta o uso performativo da vergonha na interpretação de Montez seguindo as orientações do diretor auxiliar de Warhol, Ronald Tavel que o obrigava a reproduzir poses vexatórias, repetir frases ridículas, imitações, caretas, estimulava-o a colocar seu pênis para fora – embora apenas a câmera abordasse apenas sua cara – e tratava-o como cachorro.

O *Screen Test* de Mario Montez aposta na vulnerabilidade do ator e em um potencial compartilhamento da vergonha pelo espectador. O filme, na interpretação do autor, permite o que Sedgwick chamou de “transbordamento da vergonha”, a vergonha invade aquele a quem assiste. A ênfase na vergonha permite, ao invés da assimilação dos valores hegemônicos, reavaliações do que é digno e valoroso. Performatizar a vergonha, salienta Crimp inspirado nas reflexões de Michael Warner em *The Trouble with Normal*, pode ser o caminho para uma ética que se coloca contra qualquer forma de hierarquização interna, esquivando-se de reforçar fronteiras entre respeitabilidade e abjeção. Ao invés de direcionar a vergonha a outrem, a ética política proposta tem um potencial igualitário na medida em que todos se reconhecem na experiência da vergonha.

Um ensaio de Crimp sobre Mario Montez foi distribuído aos participantes do evento, dando origem a uma discussão na sua abertura, após a exibição do *Screen Test#2*, gerando produtivas reflexões, como também, enfáticas críticas que se dirigiram ao evento como um todo. O acadêmico Lawrence La Foutain-Stokes escreveu uma carta aberta direcionada a Douglas Crimp contendo críticas sobre a invisibilidade da raça e etnicidade em sua análise da performance do ator porto-riquenho Mario Montez. Participantes denunciaram o caráter branco do evento pela ausência de reflexões que dessem conta da temática racial e domínio de palestrantes brancos. As críticas reverberam nos capítulos posteriores com artigos republicados na coletânea de modo a publicizar o debate gerado no evento. *White-on-white – The overbearing whiteness of Warhol being*, de Taro Nettleton, sugere repensar criticamente a *Factory of Warhol* em suas vinculações com a reprodução de uma estrutura ideológica branca hegemônica, onde a brancura aparece como neutra e onde a produção da fama, tão cara ao trabalho de Warhol, se sustenta em um modelo branco. Em *Boricua Gazing*, uma entrevista da acadêmica e diretora de cinema porto-riquenha Frances Negrón-Muntaner por Rita Gonzalez, Negrón-Muntaner enfoca a questão da vergonha e sua associação com marcadores étnico-nacionais, prezando por análises que deem conta da imbricação entre as categorias de gênero, classe e raça. A autora trabalha a identidade porto-riquenha constituída como uma nação *queer*, sendo que as representações dos porto-riquenhos passam por uma complexa relação entre corpo, efeminação e racialização, constituindo uma identidade calcada na vergonha⁴.

4 Dois outros artigos críticos ao *Gay Shame* relacionados foram publicados na edição da *Social Text* 23, nº. 3-4 (Fall-Winter -2005). *Shame and White Gay Masculinity* de Judith Halberstam e *You Can Have My Brown Body* de Hiram Perez. O último autor se recusou a contribuir com a coletânea, registrando sua indignação para com o evento.

Spectacles of Shame inflexiona as discussões de Sedgwick e Crimp de outras maneiras. Em *Shame on Me*, Elisabeth Landenson aborda questões que perpassam a vergonha na sociedade contemporânea e foca especialmente o livro autobiográfico de Paul Feig *Kick Me: Adventures in Adolescence*. À primeira vista, o livro partilha uma narrativa já conhecida a respeito da vergonha e humilhação sofrida por crianças e adolescentes que finda em superação por meio do *coming out*, onde a vergonha é transformada em orgulho. O que diferencia a narrativa de Feig é que embora ele tenha sido um adolescente que não possuía sucesso algum nos esportes, a despeito de ter quase apenas amigas mulheres, de ter sido visto por seus colegas vestindo roupas de sua mãe e ser constantemente rotulado de gay, sua história não se transforma em orgulho. O autor-narrador conta uma história de alguém que se compreende enquanto heterossexual e, portanto, sua trajetória “falha” ao não apontar para o caminho das narrativas de superação via orgulho gay. A reflexão sugestiva de Landenson aponta para uma preocupação cara à teoria *queer* de dar foco às formas de abjeção contidas nas normas sociais, ao invés de uma análise centrada em identidades sociais. Aqueles que habitam zonas de abjeção na sociedade, e são portanto *queer*, são marcados por identidades pessoais calcadas fortemente em experiências de vergonha. Mas como afirma Sedgwick, há gays e lésbicas “que nunca poderiam se considerados como *queer* e outras pessoas que vibram ao acorde do *queer* sem terem erotismo relevante com pessoas do mesmo sexo, ou sem que o erotismo com pessoas do mesmo sexo os enquadrem nas identidades lésbicas e gays” (*tradução nossa*, 2008, p. 60).

Em *Shame on Me or the Naked Truth about me and Marlene Dietrich*, David Caron retoma a discussão dos vínculos entre vergonha gay e política, partindo da reconstituição de uma apresentação que assistiu de um cantor que se transvestia de Marlene Dietrich, cujo autor, como outros tantos gays contemporâneos, identificou-se ou mesmo fantasiou ser em sua infância e juventude. Em certa altura da apresentação, Hermon, o cantor, posou de forma sensual na mesa de Caron e os holofotes se voltaram para ele. Caron relembra o sentimento de vergonha que o invadiu, produzindo a sensação de ter seu segredo revelado, assim, sentia-se exposto, em um momento de profundo isolamento, sendo seu relato demonstrativo de como a experiência da vergonha se recusa teimosamente a ficar no passado.

Caron sugere pensar a experiência subjetiva *queer* a partir da continuidade temporal na experiência de ser *Outro*, em oposição à retórica do orgulho que elege o *coming out* como momento inaugurador de um novo eu, superando a vergonha por meio de uma positivação de sua experiência. Sua reflexão aponta

para as potencialidades políticas de conceber uma coletividade calcada na abjeção e na vergonha. Ao invés da constituição de uma comunidade baseada em traços compartilhados positivos, propõe-se o que Michael Warner denominou de “salons des refuses”, onde pessoas convivem a partir da experiência de serem desprezadas e rejeitadas pelas normas sociais. Devido à capacidade contagiosa e individualizante da vergonha, uma coletividade calcada na vergonha não se baseia na uniformidade ou identidade mas, ao contrário, na heterogeneidade e a singularidade. A troca de histórias pessoais de vergonha tem a potencialidade de transformar o isolamento em experiências compartilhadas. Ao contrário das demandas políticas do orgulho, que pretendem localizar a vergonha no passado, a proposta de uma comunidade política *queer* entende que “passado e presente são concorrentes e na qual [estão presentes] os prazeres da coletividade e de reviver nosso isolamento ao mesmo tempo” (*tradução nossa*, Caron, 2008, p. 129)⁵.

Disabled Shame explora um universo produtivo de questões, propondo expandir as reflexões em nível teórico e político a respeito da vergonha, a partir do diálogo entre *disability studies*⁶ e teoria *queer*. No capítulo *Shameful Sites: Locating queerness and disability*, Robert McRuer tece aproximações entre deficientes e *queer*, ressaltando algumas características em comum, como: a socialização em comunidades com histórico de estigmatização via medicalização ou patologização; a presença de demandas crescentes por reconhecimento via normalização; a retórica do *coming out* que também permeia o movimento *disability* inspirada no movimento gay. Sexualidades dissidentes e deficiências se encontram na definição de ambos, corpos aptos *queers* ainda são compreendidos a partir da deficiência, e heterossexuais com deficiência são compreendidos em certo sentido como *queer*, ativando estereótipos de hipersexualidade a uns e assexualidade a outros. O encontro entre *queer/disabled shame* é percebido de forma cabal na figura das pessoas com HIV, nas quais a vergonha passa por questões de sexualidade e deficiência. Mc Ruer inspira-se em Crimp ao sustentar a necessidade de se articular “coletividades da vergonha”, o que se revela um desafio, dada especialmente a super-representação masculina tanto no ativismo *queer* como na teoria, enquanto permanece uma representação feminizada da deficiência.

5 *Spectacles of Shame* ainda conta com os capítulos *On the Uses of Shame and Gifts of a Bloodmobile* de Nadine Hubbs, *Teaching Shame* de Ellis Hanson e *Shameful Fantasies* de Amalia Ziv.

6 Pode ser traduzido como estudos da deficiência, uma nova perspectiva alinhada com novas epistemologias como teoria *queer* e Estudos pós-coloniais na abordagem do corpo, identidade e identificações, mas redimensionando novas questões a partir do foco de estudo nas questões das deficiências.

Tobin Siebers em *Sex, Shame and Disability Identity – with reference to Mark O’Brien*, por meio da análise da vida e obra do poeta Mark O’Brien, estende a discussão entre deficiência e vergonha a partir de três dimensões: agência, separação entre público e privado e sistema de sexo/gênero. Siebers retoma um poema de O’Brien, no qual o narrador deficiente, como o poeta, ironiza a impossibilidade de lhe perguntarem em uma fictícia entrevista sobre suas fantasias sexuais. O autor explora a falta de agência sexual forjada a deficientes, uma dissociação entre sexualidade e deficiência que faz com que se restrinja mesmo o acesso à vergonha, algo que se complexifica com a discussão a respeito da divisão entre público e privado, levando-se em conta a questão da deficiência. O autor salienta que a vergonha, por depender da exposição pública, implica o acesso à esfera pública e possibilidade de privacidade, algo que muitas vezes é impossibilitado a deficientes. O acesso à privacidade, para a prática da masturbação, apenas aceita fora dos lugares coletivos, é limitado a deficientes mentais e, alguns casos, físicos. A questão do armário gay também toma outros contornos, pois não se trata apenas de uma expressão metafórica, depende de acesso e mobilidade. Portanto, a diferenciação e acesso aos âmbitos públicos e privados encontram-se especialmente questionados na vivência de pessoas com deficiência.

Por fim, a partir do poema “Feminility” temos uma rediscussão do sistema de sexo/gênero à luz da experiência da deficiência. Trata-se da descrição de um sujeito nu deficiente em uma maca, visto por enfermeiras, que em seguida, ordena a elas que corte seus órgãos masculinos e o faça mulher, sem uso de anestesia. O’Brien no começo de 1990 experimentou a prática do cross-dressing e sua vida e obra permitem refletir sobre a “ideologia da habilidade” contida nos sistemas sexo/gênero. Em “Femininity” o que se percebe é um embaralhamento das categorias de gênero a partir do uso da deficiência no poema de O’Brien. “Make me a girl” é a expressão que o sujeito potencialmente efeminado e assexuado, enquanto deficiente, ordena de forma viril a se fazer mulher e atrativo sexual. Sua efeminação não o envergonha, pois não é uma ofensa como seria em um sujeito de corpo hábil; sua deficiência antecede à atribuição de gênero ao mesmo tempo em que nega a presença de sexualidade. Neste sentido, sua efeminação é muito mais uma ofensa contra a ideologia da habilidade e ao imperativo de que as pessoas deficientes não tem existência sexual⁷.

7 *Disabled Shame* ainda conta com os capítulos *Slipping* de Abby Wilkerson, *Where Is the Truth in Painting Today?* de Dylan Scholinski e *Tough* de Terry Galloway.

Em *Histories of Shame*, parte voltada às discussões históricas sobre vergonha e homossexualidade, destaca-se o texto *The Shame of Gay Pride in early Aids Activism* de Deborah B. Gould. Gould explora como a vergonha gay, fenômeno psicossocial marcado pela dor do não reconhecimento, seduz a militância para uma direção normalizante, não confrontativa e em busca de aceitação social. A autora foca no ativismo dos primeiros momentos de combate a Aids, durante os quais o governo Reagan ignorou a epidemia, não provendo fundos para pesquisas, serviços e esforços preventivos a despeito da morte de aproximadamente dez mil pessoas, majoritariamente gays. O contexto também era marcado pela culpabilização midiática de gays pela Aids, em matérias de sensacionalismo homofóbico focando em tabus sexuais como sexo anal, sexo anônimo e/ou com vários parceiros, reforçando o estigma e vinculação entre doença e homossexualidade.

Frente a esta conjuntura, a militância se organizou provendo suporte para pessoas com Aids, auxiliando médicos a diagnosticar sintomas, construindo organizações específicas para combater a Aids, divulgando informações sobre sexo seguro e criando uma política de mobilização de massas que permitiu a arrecadação de recursos para combater a doença. Ausente do discurso explícito, a vergonha gay influenciou decisivamente nas formas e conteúdos da resposta a Aids neste primeiro momento da epidemia. Refutando a imagem dos gays e lésbicas como irresponsáveis, excessivos, imaturos e perigosos, desenvolveu-se uma retórica que se baseava no orgulho e respeitabilidade, fornecendo a imagem de uma comunidade cujos membros se solidarizam uns com os outros. Internamente, promove-se uma ética do comportamento responsável e culpabilização dos gays cujos comportamentos são considerados depravados. Neste sentido, o orgulho compartilha com as visões dominantes sobre o que é vergonhoso, ao invés de questioná-las e propor um redimensionamento do que é digno e valoroso.

George Chauncey, em *The Trouble With Shame*, critica como se trabalhou a vergonha gay de forma monocromática e generalizante no evento. Polemiza com a aceitação tácita de que a vergonha é característica de gays prévios ao Stonewall, quase sempre representados como vítimas passivas. Chauncey considera necessário diferenciar entre os esforços de produzir a vergonha e o sucesso em produzi-la, ponderando que a suscetibilidade e resposta à vergonha variam, se expressam de formas distintas e são compartilhadas e vivenciadas de diferentes maneiras. Voltando a sua pesquisa de diários e correspondências entre gays da década de 1950 de Nova York, salienta que as práticas sexuais e os rituais e objetos da vergonha estão estruturados de forma distinta a partir

da segregação racial, estratificação de classes e localização em bairros negros, brancos ou latinos. Sua pesquisa sobre a cultura gay masculina do pós-guerra de Nova York também dá indícios de que nem todas as operações de envergonhar dão certo, como nem todos os *queers* são envergonhados. Antes que marcados pela abjeção, a análise das correspondências e diários de homens gays contém de forma “detalhada, exuberante, desinibida e inimaginável” experiências sexuais, sobre as quais escreviam para seus amigos e amores com prazer. Se há entre as correspondências sinais de envergonhamento, há também descrições deliberadas daqueles que erotizam a sua vergonha, reforçando prazer sexual, feito mais transgressivo⁸.

Na última parte do livro, *Communities of Shame*, em *Scandalous Acts – The Politics of Shame among Brazilian Travesti prostitutes*, Don Kulick e Charles Klein tecem relações entre vergonha e agência pessoal e coletiva de travestis brasileiras. Abordam o “escândalo”, uma forma cotidiana de resistência travesti na prostituição, consistindo em ameaçar a expor publicamente o cliente, chantageando-o por mais dinheiro. Não se trata de uma resistência política que busca refutar a situação de abjeção das travestis, antes intensifica sua abjeção, empoderando-se a partir dela. Dada a caracterização ambígua das travestis – ora chamados de homossexuais, transexuais ou travestis, referidos ora como ele, ora como ela – durante o escândalo elas podem acionar simbolicamente seu pênis, reconfigurando o *status* de seus clientes. Os escândalos funcionam dentro das estruturas da vergonha, permitindo reterritorializá-la ao invés de suprimi-la.

Ao lado dos escândalos, os autores enfocam o iminente ativismo travesti cuja demanda passa pela proteção da violência brutal da polícia, capacidade de usar seus nomes femininos em documentos, ao direito de aparecer no espaço público sem serem assediadas. Similarmente aos princípios do escândalo, o ativismo é implicado nas “possibilidades de ‘metamorfose social’ da vergonha”. Pode ser caracterizado pela transgressão do decoro público, quando as travestis se vestem à luz do dia, como quando estão no trabalho de prostituição, ressignificando o espaço e o saturando de sexualidade. Ao invés de cartazes como “Orgulho Travesti”, encontram-se outros slogans como “Travestis são seres humanos” ou “Travestis são cidadãs”. O que percebemos é, de um lado, um discurso de igualdade com as pessoas não travestis, e de outro lado, em termos não discursivos, a diferença bem demarcada na forma de se vestir e portar. Ou

8 *Histories of Shame* ainda conta com os capítulos *The Shame of Queer History/Queer Histories of Shame* de Helmut Puff, *Emotional Rescue* de Heather K. Love e *Pleasures and dangers of shame* de Michael Warner.

seja, as demandas travestis pressionam diferenciações declarando igualdade na posição da diferença.

Em *A Little Humility*, Gayle Rubin tece uma série de ponderações sobre a dinâmica da resistência e seu poder transformador. Parte da crítica ao legado marxista em duas dimensões: em primeiro lugar, vinculada à fé na potência permanente de determinados sujeitos que acabam por confundir o que são inflações temporárias com potências permanentes; em segundo lugar, atribui legitimidade a grupos políticos se são considerados revolucionários/transgressivos relativamente a determinado sistema de poder (capitalismo, gênero, binarismo etc.). Em outra linha, reitera o pressuposto de Foucault de que a resistência e a transformação partem de pontos diversos e imprevisíveis. As formas de resistência devem ser compreendidas em seus vínculos com as formações de poder, sendo necessariamente transitórias. A dinâmica da transformação social passa por uma complexidade de fatores que não está ligada univocamente a determinados sujeitos.

A partir da história do dildo, exemplifica como as mudanças em termos de sexualidade são cheias de surpresas. Seus primeiros consumidores eram homens gays, dado o baixo *status* dos *sex shops* que inibiam o acesso a consumidoras mulheres. Com a elaboração do dildo de borracha de silicone e formação de *sex shops* para mulheres, tornou-se procurado por um público de lésbicas, além do público de mulheres heterossexuais que penetram seus namorados. No entanto, o dildo de silicone foi inventado por um homem paraplégico em busca de ter relações sexuais matrimoniais com sua mulher. O que Gayle Rubin procura enfatizar é a necessidade de se ter cautela às pretensões de se encontrar uma forma de mobilização ou um sujeito político como dotado de uma essência transgressiva. Concordando que o Gay Pride normalizou-se e adentrou em uma lógica de mercado, não deixa de ressaltar sua importância histórica para transformações importantes a gays e lésbicas. O Gay Shame se apresenta como produtivo enquanto uma estratégia contemporânea, e não como uma posição política ou movimento político com status permanente de transgressão⁹.

Em suas variadas perspectivas, o que caracteriza o debate da coletânea *Gay Shame* é a análise da vergonha gay, iluminando de forma original as relações entre dinâmicas emocionais e políticas. Não se trata de focalizar uma emoção

9 *Communities of Shame* ainda conta com a entrevista “*Plunge Into Your Shame*” do diretor de teatro, ator e escritor Neil Bartlett feita por David Halperin, os capítulos *Gay Shame and the Politics of Identity* de Jennifer Moon e *How Might We Create a Collectivity That We would Want to Belong to?* de Barry D. Adam e fecha com o capítulo *Enactivism: The Movie* de Dennis Allen, Jaime Hovey e Judith Roof articulado com o filme presente no DVD, ambos propondo um outro tipo de ativismo, denominado “enactivism”.

negativa a ser suprimida na luta por reconhecimento social. Enquanto constituinte de experiências definidoras da identidade, como ressaltou Sedgwick, a vergonha e suas dinâmicas estão inexoravelmente vinculadas às estratégias políticas adotadas. *Gay Shame* é uma coletânea provida de tensões e dissensos, permitindo um debate cheio de problematizações e complexificações que enriquecem suas formulações e objetivos iniciais. Trata-se de um debate introdutório de novas formas de se pensar os conflitos e as normas sociais, suas amplas facetas, dimensões sócio-históricas e intersecções com múltiplas categorias. Um debate que aposta na vergonha como um novo horizonte político que se recusa a se curvar às normas sociais, suas hierarquizações e exclusões.

Referências

- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n.21, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/o8.pdf>.
- SCOTT, Joan W. "A Invisibilidade da Experiência." *Projeto História*. São Paulo, 1998, p.297-325.

Recebido em 28/02/2012

Aceito em 18/03/2012

Como citar esta resenha:

- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Políticas em prol da *Vergonha Gay*: uma contribuição queer para uma outra gramática dos conflitos e normas sociais. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 535-547.